

Hemofílico morre cedo no País

Natal — Um em cada mil homens sofre de hemofilia no País, e a idade média de morte de hemofílico é 14 anos, enquanto que nos países desenvolvidos, como a Inglaterra, essa idade é de 52 anos. A revelação é do médico Israel Roisemberg, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenador do Programa Nacional de Coagulopatias, financiado pelo CNPq, que esteve em Natal para pronunciar palestra sobre genética, num ciclo de conferências promovido pela Sociedade Brasileira de Genética.

O professor Roisemberg disse que a hemofilia é a mais freqüente das doenças hemorrágicas no Brasil e seu alto índice chega a ser preocupante, acrescentando que o tratamento da doença tem um custo muito alto, além de faltar no País um sistema regular de atendimento. Salientou que o alto índice de hemofílicos pode ser diminuído através do aconselhamento genético, "que é a identificação de mulheres que mesmo não sofrendo da doença são portadoras da mesma", e a sua conscientização dos riscos de gerar filhos hemofílicos.

Leptospirose

Com uma média de quase 28 casos de Leptospirose em cada cem mil habitantes, Salvador é a capital brasileira que apresenta o maior índice de doença. Somente no ano passado, das 431 ocorrências em todo o Estado, 411 foram na capital, onde foi registrada a maioria das 35 mortes ocorridas na Bahia.

Depois de Salvador, Recife é a capital brasileira com o maior número de casos de leptospirose, com 186 ocorrências, seguida de São Luís, com 115, e São Paulo com 110. Essas informações foram dadas ontem pelo professor Eulógio Moreira Caldas, da Escola de Veterinária da Universidade Federal da Bahia, e que vai coordenar o I Encontro Nacional de Leptospirose, em Salvador, na próxima semana.

O encontro é uma solicitação do Ministério da Saúde a técnicos, pesquisadores, epidemiologistas, engenheiros sanitários e outros profissionais que vão elaborar um programa de ação para o plano de combate à leptospirose no Brasil.